



---

**O papel social da comunicação midiática no contexto  
digital/algóritmico<sup>1</sup>**

**The social role of Media Communication in the  
Digital/Algorithmic Context**

Simone Munir Dahleh<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto objetiva refletir sobre a área da Comunicação Midiática inserida no contexto digital/online. Com o avanço das tecnologias digitais e informacionais na sociedade, não podemos deixar de ponderar sobre como esses processos se inserem no social. Discutir sobre a não neutralidade dos algoritmos, por exemplo, torna-se fundamental para construção de sujeitos críticos que refletem sobre seus usos nestes meios. Além disso, os algoritmos, muitas vezes, reforçam e cristalizam os estereótipos no imaginário social. Concluímos ao final do texto que introduzir conceitos técnicos sobre computação/informação, em nossos cursos de formação, é primordial para o avanço da área da Comunicação.

**Palavras-chave:** Comunicação; Algoritmos; Cidadania.

**Abstract:** The text aims to reflect on the area of Media Communication inserted in the digital/online context. With the advancement of digital and informational technologies in society, we cannot fail to consider how these processes are inserted in society. Arguing about the non-neutrality of algorithms, for example, becomes fundamental for the construction of critical subjects who reflect on their uses in these media. In addition, algorithms often reinforce and crystallize stereotypes in the social imaginary. We

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

<sup>2</sup> Doutoranda e mestre (2020) em Comunicação; Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. simonemunird@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8192-1925>



# Anais de Artigos

## V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

---

conclude at the end of the text that introducing technical concepts about computing/information in our formation courses is essential for the advancement of the Communication area.

**Keywords:** Communication; Algorithms; Citizenship.

### 1. Introdução

A área da Comunicação demanda atualização constante e complexificação cada vez mais. Hoje já não é mais aceitável os simples esquemas de emissão, recepção/*feedback* para compreender os processos comunicacionais. Com a revolução tecnológica, foi necessário adaptar nossas teorias e epistemologias ao novo cenário, de tal modo que a revolução técnica foi uma das principais responsáveis por enriquecer nosso campo, teoricamente e epistemologicamente.

A Comunicação como área do conhecimento, surge apoiada em outros campos dos saberes, entretanto, este fato não deve ser base para desconsiderar as particularidades da área. A Comunicação Midiática é indispensável para compreender os processos sociais na atualidade. Em um contexto onde falamos de cultura algorítmica (STRIPHAS, 2015), realidade virtual, realidade aumentada, *Fake News*, vazamento de dados pessoais e todas as demais consequências que esses fatos implicam na sociedade atual, compreender a fundo os processos técnicos e sociais por trás das tecnologias digitais torna-se fundamental.

França (2018) nos provoca a pensar sobre a solidez do campo. Para a autora, há uma tendência de substituição da Comunicação por subáreas como Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas. Entretanto, isso seria uma perda em termos epistemológicos. Um dos motivos apontados pela autora - desse constante “equilibrismo”, seria a abrangência de temáticas que nossa área comporta, que tanto pode enriquecer como enfraquecer nosso campo, já que se corre o risco de elaborações rasas. Isso justifica a necessidade de, cada vez mais, construirmos bases sólidas propriamente comunicacionais em nossas pesquisas.



# Anais de Artigos

## V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

---

A digitalização em meados da década de 1990, que representou a novidade em termos da introdução de tecnologias digitais, hoje é um processo orgânico e integrado em nosso campo (SAAD, et.al. 2016). Nos dias atuais é preciso pensar nos processos digitais e informacionais como estando integrados à Comunicação.

O surgimento da Internet é um dos marcos revolucionários para os estudos de Comunicação Midiática, exigindo, desse modo, uma ampliação de nossas epistemologias da comunicação e um olhar cada vez mais crítico sobre os processos informacionais e comunicacionais.

Há um redesenho do campo em novas cenários, onde os sujeitos se misturam com os objetos, máquinas, redes (SAAD, et.al. 2016). Ao mesmo tempo que enriquece a área, também diversifica as pesquisas em variadas abordagens de estudo. Isso faz com que o campo se complexifique também.

Com a expansão dos meios de comunicação e informações, os conhecimentos passam a fluir na sociedade de forma menos hierárquica. As mídias hoje passam a servir não só aos grupos dominantes. Com a expansão tecnológica, há um alargamento das apropriações dos meios de comunicação por outros grupos sociais, minoritários e periféricos. Os grupos de ativistas nas redes de mídias sociais digitais e as rádios comunitárias são alguns exemplos (BRIGNOL *et al.*, p. 209, 2020). Obviamente, não podemos simplificar a questão do acesso, nem desconsiderar o poder de quem possui o domínio da técnica no ambiente digital, mas é inegável que a Internet permitiu a abertura de caminhos para uma comunicação menos unilateral e linear.

Dito isso, nossa proposta é discutir o potencial de controle social exercido por meio das lógicas algorítmicas e a relevância desse fenômeno para o campo acadêmico da Comunicação Midiática.

Para construção do texto, o artigo está dividido em três partes, incluindo esta introdução. Na segunda parte, discutimos o papel social da Comunicação Midiática no ambiente digital e a importância de compreender e refletir sobre esse novo contexto na construção de nossas identidades contemporâneas. Abordamos, ainda, uma reflexão sobre a não neutralidade dos algoritmos e a importância da incorporação de termos



# Anais de Artigos

## V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

---

técnicos informacionais e computacionais para a área da Comunicação. Na última parte, enfatizamos a nossa responsabilidade, como pesquisadores da Comunicação, em demonstrar os processos computacionais como políticos, considerando sua “imparcialidade velada”, como alerta para o reforço das opressões e estereótipos nesses processos.

### 2. O papel social da Comunicação Midiática no ambiente digital

É inegável a interferência dos aparelhos digitais/internet em nossa sociedade. Flusser (2014), mesmo antes da inclusão dos *smartphones* e das redes móveis em nosso cotidiano já previu a imersão que os aparelhos digitais comunicacionais têm de “conseguir dominar a alteração de clima por meio da mudança de estrutura de discussão” (p. 61). A família, que antes sentava-se na sala de casa para conversas face-a-face, passa a centrar-se na televisão. Em seguida, com o barateamento da internet e dos celulares, o centro das atenções torna-se ainda mais específico e sofisticado. Na mão de cada sujeito, os *smartphones* assumem um lugar central não só na sala/casa de cada indivíduo, mas também na maior parte do dia a dia de cada um. Não é à toa que o autor enfatiza: “todas as revoluções, são revoluções técnicas (FLUSSER, 2014, p. 69)”.

Quando pensamos em algoritmos, informática, códigos informáticos, geralmente as áreas que nos vem à mente de imediato são as Ciências da Computação, Redes de Computadores, Sistemas de Informação, etc. Campos do conhecimento considerados mais “técnicos”. Entretanto, cada vez mais, observamos o poder da Internet em transformar as identidades, a cultura e o social. Assim, torna-se essencial compreender as especificidades da estrutura técnica das redes. Como alertado por Machado e Ramos (2019), só assim conseguiremos passar de meros usuários da Internet para cidadãos.

Tal compreensão técnica nos leva ao domínio do processo de circulação de informação. Quem tem esse controle seleciona a direção e o conteúdo do que se quer pôr em circulação.



# Anais de Artigos

## V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

---

Para citar um exemplo no contexto brasileiro, podemos pensar nas *Fake News* e a influência da Internet nas eleições presidenciais brasileiras de 2018. Para elucidar de que forma as *Fake News* agiram nesse contexto, Galvão (2020) buscou investigar a circulação das referidas na eleição presidencial no Brasil no ano de 2018. Segundo a pesquisadora, o fenômeno de difusão de informações não confiáveis, se torna cada vez mais difícil de controlar, pois as mídias sociais priorizam a interação dos indivíduos em detrimento de empresas sem mensurar a veracidade das informações. Pensando no contexto político específico de 2018, as mensagens mais populares ganhavam visibilidade sem serem avaliadas sua veracidade, ou se eram antidemocráticas. Nesse contexto, esse não foi o maior empecilho para a divulgação das informações. Desse modo, quem mais dominava a técnica conseguiu influenciar parte da população a um direcionamento político específico.

Outro caso interessante envolvendo política, que nos coloca em alerta sobre o domínio das técnicas e como as empresas se utilizam dos dados pessoais dos sujeitos para benefício próprio, é o escândalo do vazamento de dados de usuários da então empresa Facebook em 2018. No episódio, o Facebook forneceu informações de 87 milhões de usuários da plataforma por meio de um quizz em parceria com a empresa de consultoria Cambridge Analytica. Os dados serviram para influenciar os eleitores na votação presidencial dos Estados Unidos em 2016<sup>3</sup>. Como destaca Silveira (2016, p. 278), “as sociedades democráticas precisam assumir que o cenário atual é tecnopolítico”.

Seguindo o raciocínio, Bonin (2020) sinaliza como a revolução das tecnologias digitais fez com que os dados pessoais se tornassem mercadorias valorizadas e exploradas pelas empresas e instituições.

---

<sup>3</sup> Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades. Disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml>>. Acesso em 03/03/2023.



# Anais de Artigos

## V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

---

Com o avanço da digitalização, consolidam-se monopólios fundados na exploração mercantil de dados pessoais, em geral assentados no oferecimento de serviços públicos gratuitos e na participação das pessoas em redes sociais. O aumento da capacidade de memória dos suportes digitais, assim como a desterritorialização dos processamentos, a automatização da coleta, o uso de algoritmos e o entrecruzamento e a difusão de dados potencializam a exploração de dados das pessoas (p. 202).

Nossa área ainda está caminhando lentamente para o entendimento técnico: “todo campo conceitual do ruído, entropia, simulacros, autopoiese, controle e segunda lei da termodinâmica continuam sendo objetos do interesse dos físicos, dos engenheiros e teóricos da informática [...], mas não dos teóricos da comunicação e da linguagem” (MACHADO; RAMOS, 2019, p. 46). Um conhecimento a fundo sobre essas questões seria o caminho para a diminuição das desinformações, tão correntes da atualidade. Do mesmo modo, poderíamos ultrapassar a barreira de usuários/consumidores para finalmente nos tornarmos cidadãos conscientes desses usos nos ambientes digitais.

Os *feedbacks* são conhecidos na comunicação como a resposta a determinado conteúdo/produtos que os receptores retribuem aos emissores. Flusser (2014) já alertava sobre a ingenuidade de se pensar que as pessoas teriam poder de modificar a grande estrutura dos emissores: “as pessoas têm a impressão de que manipulam algo; na verdade, porém, só servem de *feedback* para a emissora” (p. 72). Se formos pensar no contexto atual de interação, algoritmos e metadados, observamos que os indivíduos continuam servindo às instâncias de produção, de uma forma ainda mais intensa. Nesse sentido, Striplas (2015) observa que:

a 'sabedoria da multidão' é em grande parte apenas um substituto - um espaço reservado, um *algoritmo* - para o processamento de dados algorítmicos, que está se tornando cada vez mais um assunto privado, exclusivo e de fato lucrativo. É por isso que, em nosso tempo, acredito que os *algoritmos* estão se tornando decisivos, e por que empresas como Amazon, Google e Facebook estão se tornando rapidamente, apesar de sua retórica populista, os novos apóstolos da cultura (p. 407, grifos do autor, tradução nossa).



# Anais de Artigos

## V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

---

O grande problema aqui seria a ingenuidade de acreditarmos que temos o poder de selecionar de forma íntegra, que conteúdos vamos receber ou acessar. As empresas que possuem um maior controle sobre os algoritmos são capazes de serem esses “apóstolos da cultura” apontados por Strihas, já que nossas informações, fotos e vídeos são colocados à disposição como dados para os algoritmos trabalharem para nos oferecer de fato, produtos, conteúdos e ideias para consumirmos.

A importância de compreendermos como os algoritmos funcionam é emblemática em termos comunicacionais e não apenas técnicos. Strihas (2015) aponta que os códigos informacionais tanto revelam como escondem. Nesse sentido, podemos pensar em como as plataformas digitais organizam os conteúdos por buscas. O que elas revelam para determinada busca de termo e o que invisibilizam. Não podemos mais ter a ingenuidade de que são apenas máquinas trabalhando.

Gillespie (2018), ao invés de conceber os algoritmos como algo abstrato e puramente técnico, busca compreender as escolhas humanas e empresariais por trás das estratégias de elaboração dos algoritmos. Por meio de um viés sociológico, o autor entende os algoritmos como um “mecanismo construído socialmente e institucionalmente gerenciado para convencer o julgamento público: uma nova lógica de conhecimento” (p. 117).

O poder dos algoritmos está para além do capitalismo. Está, também, no controle do imaginário social. Como alertado por Jessie Daniels (2009, apud NOBLE; TYNES, 2016, tradução nossa) o ambiente online pode ferir tanto quanto o ambiente off-line, ou seja, ambos possuem interferência na experiência cotidiana dos sujeitos.

Com o propósito de enfatizar a não neutralidade dos algoritmos, Carrera (2020) parte de pesquisas que demonstraram como o sexismo e o racismo estavam atuando por meio dos algoritmos. Ao observar que buscas por “mulheres negras” nas plataformas digitais, comumente estavam associadas à pornografia, propõe em seu estudo sobre a algoritmização nos bancos de imagens, mostrar como os algoritmos estavam trabalhando para reforçar e normalizar o racismo e o sexismo em nossa sociedade. Ao



# Anais de Artigos

## V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

---

buscar pelos termos *aggressiveness*, *kindness*, *beauty* e *ugliness*<sup>4</sup> (agressividade, bondade, beleza e feiura), a autora percebe como os algoritmos direcionam nosso imaginário para a fixidez dos estereótipos. Beleza é quase que prioritariamente direcionado a imagens de mulheres brancas, enquanto a feiura está associada ao masculino. As mulheres brancas são vítimas da agressividade, enquanto as mulheres negras aparecem como agentes dela. A fragilidade aparece em figuras de mulheres brancas, enquanto as mulheres negras são ousadas e despojadas. Quando pessoas brancas aparecem para busca de feiura, sempre estão acompanhadas de artifícios para tal, enquanto os negros não. Estes são apenas algumas conclusões que a autora traz em seu estudo.

A pesquisa de Carrera (2020) nos mostra como tais buscas podem muitas vezes parecerem automatizadas, objetivas e ingênuas, quando na verdade foram estruturalmente controladas e produzidas por sujeitos com ideologias e propósitos. Desse modo, se faz necessário constante controle dessas plataformas. Não podemos considerar o poder técnico como neutro. Enquanto acharmos isso, apenas seremos usuários destes serviços, inconscientes da coerção social que eles produzem.

Em um contexto digital em que tudo parece ser neutro, objetivo e sem racionalidade – por se trata de máquinas propensas a “falhas técnicas” - compreender que a automação das tecnologias digitais tem reproduzido dinâmicas de preconceito e estereotipação já existentes e consolidados em outros meios comunicacionais e socioculturais, implica em nossa responsabilidade, enquanto campo científico, de apontar tais problematizações.

Pensando no contexto latino-americano, podemos falar em descolonização do poder (COSTA, 2010). Ao visibilizar esses estereótipos, sexismos e racismos nas plataformas digitais como sendo estruturados, principalmente, pelo poder patriarcal, torna-se importante trazer a categoria de gênero para o foco do projeto colonial e, desse modo,

---

<sup>4</sup> A autora opta por fazer a procura pelos termos em inglês pois é uma língua sem definição de gênero. Desse modo, sua busca não sofreria interferência.



# Anais de Artigos

## V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

---

podemos então traçar uma genealogia de sua formação e utilização como um mecanismo fundamental pelo qual o capitalismo colonial global estruturou as assimetrias de poder no mundo contemporâneo. Ver o gênero como elemento estruturador (e não subordinado) da colonialidade do poder, ou seja, como categoria colonial, também nos permite historicizar o patriarcado, salientando as maneiras pelas quais a heteronormatividade, o capitalismo e a classificação racial se encontram sempre já imbricado (Idem, p. 50).

Falar de poder implica compreender que os marcadores sociais são levados em conta também nos processos técnicos. A agência humana está por trás das máquinas e é isso que não deve ser esquecido em nossas análises.

É preciso considerar o caráter duplo das plataformas digitais, ao mesmo tempo que podem empoderar e ampliar a voz de determinados grupos sociais, também podem escancarar como a tecnologia é afetada pelo racismo, estereótipos e preconceitos. Assim, para além do conhecimento técnico, é necessário um olhar cuidadoso para as tecnologias digitais. Carrera et.al (2022) alertam para a importância da problematização das plataformas digitais e o caráter interseccional, que contribuiria para a responsabilidade das construções que se produzem nas mídias, para a não perpetuação das desigualdades e exclusões sociais.

Trazer para a pesquisa a perspectiva interseccional - no qual há sobreposição das opressões, nos permite abrir caminhos para o projeto feminista de descolonização do saber (COSTA, 2010, p. 50). O conceito de interseccionalidade nos possibilita enxergar o que não é revelado de antemão. A raça, o gênero e a sexualidade são apenas alguns marcadores para percebermos as desigualdades de sujeitos negros, periféricos, mulheres, indígenas, migrantes, enfim, todas e todos que fogem do padrão hegemônico. Dessa forma,

seja na perspectiva da discussão sobre as subjetividades construídas online, seja no debate sobre os processos materiais que envolvem as relações digitais que podem ser lidos pelo viés interseccional, faz-se necessário compreender de que modo o conceito de interseccionalidade pode ser a chave para o entendimento do ambiente



# Anais de Artigos

## V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

---

digital como lugar frutífero para a complexificação das experiências sociais (CARRERA, et.al, 2022, p. 17).

É preciso entender os processos técnicos como complexos e não objetivos. São também entidades sociais de poder que incidem e ajudam a construir o imaginário social. Não pretendemos com o seguinte texto atribuir um poder totalitário às empresas e aos algoritmos, mas sim, entendê-los como processos que nunca são neutros. Também, é preciso considerar que há agência dos sujeitos nos usos da Internet. O acesso ampliado e a velocidade de interação facilitaram o avanço das pautas de grupos contra hegemônicos nas redes sociais digitais e demais ambientes digitais. Há sempre possibilidades de os grupos minoritários reivindicarem seu espaço e suas lutas. Entretanto, para que isso ocorra, é preciso ter o domínio da técnica e pensar de uma forma descolonial.

Propondo um caminho para estudar os processos algorítmicos nas plataformas digitais, Juno e DalBen (2018) entendem os algoritmos como uma via de mão dupla. Por um lado, não acreditam que são simples processos matemáticos; de outro, não acreditam que os sujeitos possuem autonomia total do que acessam por meio de suas “escolhas”. Na perspectiva das autoras, “é preciso levar em consideração as questões políticas, econômicas e sociais por trás das escolhas de resultados ‘mais relevantes’ ou ‘conteúdos mais importantes’” (p. 27).

As empresas de tecnologia empenham-se em construir uma impressão de neutralidade por trás de seus produtos e serviços, e é justamente nesse estágio que precisamos avançar:

a cuidadosa articulação de um algoritmo como imparcial (mesmo quando essa caracterização é mais ofuscante do que explicativa) o certifica como um ator sociotécnico confiável, confere aos seus resultados relevância e credibilidade, e mantém a aparente neutralidade do provedor diante das milhões de avaliações que faz (GILLESPIE, 2014, p. 179, apud JURNO; DALBEN, 2018, p. 24).



# Anais de Artigos

## V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

---

Essa é uma das principais estratégias utilizadas pelas empresas de tecnologias para se isentarem da responsabilidade pela “ação dos algoritmos”. Ao construírem esse discurso sobre si, basta responsabilizar a máquina pelas “falhas” preconceituosas, sexistas e até mesmo de “vazamento” de dados pessoais, como ocorreu em abril do ano de 2021, onde o Facebook, agora Meta expôs os dados pessoais de mais de 530 milhões de pessoas usuárias da plataforma Facebook<sup>5</sup>. A atenção do público cada vez mais a estes processos, compreendendo-os como não sendo neutros, vem alterando aos poucos os algoritmos opressores e problemáticos.

Na visão das autoras (JURNO; DALBEN, 2018), os algoritmos nas plataformas digitais não são estáveis e nem previsíveis, pois, além de sempre existir a possibilidade de ocorrer “bugs” (erros/falhas no sistema), a agência humana e seus usos podem mudar os conteúdos e as informações que ficarão disponíveis para o sujeito.

Ter isso em mente nos permite avançar epistemologicamente em nossas pesquisas. Preencher essa lacuna que está ainda aberta em nosso campo pode nos fazer avançar em termos de ocupar um lugar que é nosso.

Vivemos em um novo cenário tecnológico irreversível. Acompanhar esse avanço deve significar, também, avançar e complexificar nossas teorias. Torna-se fundamental trazer para o debate temas como algoritmos, banco de dados, plataformas digitais e informação. É preciso incluir essas problematizações não apenas nos cursos de pós-graduação em Comunicação, mas criar essa consciência desde os componentes curriculares da graduação em Comunicação Social.

Ao incorporar esses termos em nossas pesquisas, avançamos epistemologicamente como área do conhecimento. Os meios técnicos, como vimos, não são simplificações matemáticas, mas sim entidades políticas com poder na sociedade.

Os algoritmos, um dos temas enfatizados em nosso texto, mostra como precisamos estar atentos ao modo de seu funcionamento. Os processos hegemônicos em outros

---

<sup>5</sup> Facebook atribui vazamento de dados de 530 milhões de usuários a 'raspagem'. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/04/07/facebook-atribui-vazamento-de-dados-de-530-milhoes-de-dados-a-raspagem.ghtml>> . Acesso em 03/03/2023.



---

meios de comunicação são amplamente estudados em nossa área. Agora, precisamos nos especializar e avançar nossas teorias para o aprofundamento das especificidades dos meios técnicos informacionais, como modos de perceber que estes serão os apóstolos da cultura (STRIPHAS, 2015) e que, por fim, não temos como escapar deles.

### 3. Considerações Finais

Refletir sobre temáticas mais técnicas do campo computacional têm se mostrado cada vez mais relevante para nossa área. Ao compreender os processos da informática não apenas como matemáticos, mas principalmente como sociais, entendemos a importância de problematizarmos as instâncias técnicas das tecnologias digitais, já que possuem o poder de afetar o social e as identidades dos sujeitos. Os algoritmos não são neutros nem apolíticos. Carregados de ideologias, os algoritmos podem servir ao sistema econômico e social.

Pode parecer novo para área da Comunicação estudar termos técnicos tão “fechados” e exatos. Nos assusta, de início, compreender o funcionamento de mecanismos que não estamos acostumados. Entretanto, esse pode ser o caminho para ocupar nosso espaço no campo do conhecimento.

É nosso papel social como campo científico, ressaltar os interesses por trás dos algoritmos formulados como neutros. As possibilidades de estudos são amplas: compreender como os sujeitos se relacionam nos ambientes digitais; de que forma esses ambientes contribuem para a construção das identidades dos sujeitos; como os algoritmos reforçam estereótipos, enfim. Esse novo cenário instaura limites e possibilidades em nosso contexto que nos força a complexificar nossas teorias.

A implicação de não questionar os algoritmos nos leva a desinformação e à invisibilização de grupos sociais, além de reforçar opressões. Hoje em dia, quem possui o domínio técnico dos meios de informação e comunicação tem o poder nas mãos. Como vimos, que possui competências dos meios técnicos, é capaz de reforçar padrões, interferir na política e nas eleições.



Reforçamos também o caráter duplo das problematizações postas. Não apenas os grupos dominantes, empresas e instituições possuem o poder de interferência nos meios informacionais e técnicos, os grupos contra hegemônicos também ganham espaço nesses ambientes. Essa é uma das grandes possibilidades que o avanço das tecnologias permitiu.

Por fim, acredito que introduzir os termos debatidos neste texto em nossos cursos de Comunicação seja o caminho para o enriquecimento de nossa área. Não apenas nos cursos de pós-graduação, mas desde nossa formação na graduação. Ser crítico com os ambientes digitais, incorporar os termos técnicos em nossas pesquisas e refletir sobre eles, pode ser o caminho para cada vez mais, nos tornarmos cidadãos, ao invés de meros usuários ingênuos.

## Referências

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo**. Chapecó: Argos, 2009.

BONIN, Jiani Adriana. Aportes da obra De Orwell al cibercontrol para entender o cibercontrole. *MATRIZES*, V.14, nº 3. Set./dez. São Paulo, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i3p197-211>

BRIGNOL, Liliane Dutra; CURI, Guilherme; RIBEIRO, Bibiana Pinheiro; TEIXEIRA, Leandra Cruber . Comunicação midiática e migrações transacionais: percursos de análises da representação midiática à webdiáspora senegalesa. In. **Migrações internacionais** [recurso eletrônico] : experiências e desafios para a proteção e promoção de direitos humanos no Brasil / organizadora Giuliana Redin. – Santa Maria, RS : Ed. UFSM, 2020. 1 e-book

CARRERA, Fernanda. A raça e o gênero da estética e dos afetos: Algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais. *MATRIZES*. V. 14, n. 2, 2020.

CARRERA, Fernanda; FERNANDES, Pablo Moreno; VIEIRA, Eloy Santos; SOUSA, Leila Lima de Sousa. Interseccionalidade e plataformas digitais: dimensões teórico-metodológicas de pesquisas em Comunicação. *Fronteiras*, v. 24 n. 1 (2022): Janeiro/Abril.



# Anais de Artigos

## V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

---

COSTA, C. Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. **Fragmentos** n. 39, p. 045/059 Florianópolis/ jul - dez/ 2010.

FLUSSER, V. Da arte comunicológica do definir. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p.45-73.

FRANÇA, V. A pesquisa em Comunicação: dez perguntas que nos desafiam. In: FIGARO, R.; GOMES, M. R. **Conexão pós: diálogos e intersecções na pesquisa discente** (org.) São Paulo: ECA-USP, 2018. Ebook.

GALVÃO, Tatiana Maria Silva. **Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

GILLESPIE, T. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95–121, 2018

JURNO, A.C. DALBEN, S. Questões e apontamentos para o estudo dos algoritmos. **Parágrafo**. São Paulo, Brasil, V.6 n. 1, p.17-29, jan-abr 2018.

MACHADO, I. de A., & RAMOS, D. O. (2019). Alfabetização semiótica com os códigos informático-digitais da internet. **Comunicação & Educação**, 24(2), 38-53. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p38-53>

NOBLE, Safiya Umoja; TYNES, Brendesha (org.). **The Intersectional Internet: Race, Sex, Class, and Culture Online**. Nova Iorque: Peter Lang Publishing, 2016.

SAAD, Elizabeth; TRINDADE, Eneus; FIGARO, Roseli. Os olhares do Outro sobre as trajetórias autorreflexões em comunicação. In: LOPES, Maria Immaculata Vassalo de (Org). **Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA-USP, 2016.



**Anais de Artigos**  
**V Seminário Internacional de Pesquisas**  
**em Midiatização e Processos Sociais**

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

---

SILVEIRA, Sergio Amadeu. Governo dos algoritmos. **Revista de Políticas Públicas**. v2 n1, p. 267-281. DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v21n1p267-281>

STRIPHAS, Ted. Algorithmic culture. **European Journal of Cultural Studies**. 2015, Vol. 18(4-5) 395–412.